

## OS NORUEGUESES DO SABIAGUABA

O SÍTIO CURIÓ, do capitão Antônio Alexandrino, fica meia légua adiante da vila de Messejana, perto da lagoa da Precabura, que é formada pelo estuário do rio Coassu. De longe, quem o buscar, vindo da estrada do Aquiraz pelos carnaubais gementes das vargens, ou indo da estrada de Fortaleza pelos tabuleiros enxadrezados de veredas, avistará logo a mancha escura do seu coqueiral, dominando os matagais rasteiros. Nenhum outro por ali possui tantos coqueiros, tão altos, tão frondosos, tão belos e tão antigos como esses, plantados ainda ao tempo do capitão-mor dos índios da Paupina, João da Cunha Pereira.

Fora esse o fundador do sítio. Vindo de Goiana, em Pernambuco, comprara ali uma posse de terra e construía uma casa. Começava o século dezenove. Tempos rudes, naquela remota e áspera capitania do Ceará-Grande. Um chefe de família, fazendeiro, ou plantador, tinha que ser tudo, mesmo ferreiro, mesmo médico, quando fosse preciso. A casa do Curió ainda existe, tal qual o velho capitão-mor a construiu, singela e baixa, com um alpendre à frente. As portas, de rijas madeiras, com dobradiças de ferro batido, grandes e grosseiras, com fechaduras de broca, de palmo e meio de largura, e chaves colossais. Quando a levantaram, não havia na vila nem na capital onde se comprasse um prego-cabral. Até os pregos foram, portanto, forjados na oficina e batidos na bigorna do próprio capitão-mor pelo ferreiro da terra. Tempos rudes! mas a casa centenária de João da Cunha Pereira lá está, abrigando seus descendentes sob as mesmas telhas que o abrigaram, enquanto muitas mais modernas desapareceram sem deixar vestígios.

Não é muita a terra que rodeia essa antiga residência senhorial, com casa de farinha, tendo bolandeira, e primitivo engenho de açúcar; mas é bastante, toda ela delimitada por valados profundos, em cujas bordas se debruçam mangabeiras viçosas e ameixeiras bravas.

Casa e dependências ficam dentro do coqueiral formoso. Para o nascente, alinham-se mangueiras e jaqueiras, debaixo das quais se elevam montões de estrume tirado do curral dos bois de carro ou da estrebaria dos cavalos, que as galinhas vão ciscar. Ao norte, um pomar de tangerineiras, de goiabeiras brancas, de araçazeiros grandes, de dois ou três jambeiros e de uma esgalhada cajazeira. E o passaredo, naquela ramaria, a cantar o dia todo.

O sítio tem uma levada, marginada de ambos os lados por ubérrimo alagadiço, onde se planta cana caiana e crioula, e que termina na orilha de pequena mata, reserva florestal religiosamente conservada numa região que não tem mais um acende-candeia de tamanho suficiente para dar uma forquilha de cangalha. Um ambiente de tradição, trabalho e honestidade brasileira à antiga envolve essa mansão escondida modestamente à sombra dos coqueirais seculares, no seio dos vastos tabuleiros que se estendem entre a Precabura e a estrada de Fortaleza.

Por isso, nos meus passeios por aqueles lados, sofregamente o busquei sempre, como se as horas que ali passava me enchessem de repouso a alma inquieta pela agitação do meu tempo. Oásis de bonança e profunda tranqüilidade aquele velho sítio. Tudo ali me era conforto. Sentado à mesa tosca, conversava com o velho proprietário, o capitão Antônio Alexandrino, que me falava sempre de coisas idas que são, na verdade, as mais belas. Levantava os olhos para o teto de "telhas vãs", contando, por desfastio, os caibros alinhados. Ele acompanhava meus gestos. De repente, meu olhar pousava num velho carretel de madeira, espécie de moitão de navio, preso a uma das vigas de aroeira, que sustinha o telhado, por um torçal de fios brancos. O capitão repetia a mesma estória.

— Este carretel está aí há mais de setenta anos! Eu devia ter uns seis, quando tio Vicente subiu numa escada e o amarrou com aqueles fios de algodão aqui do sítio, fiado pelas mãos de minha mãe. Lembro-me como se fosse hoje. Servia para subir um lampião grande, que clareava a casa toda, nas noites de festa. Depois, todos os moços e moças, irmãos, primos, amigos, enveihecera, morreram, ou procuraram outras terras — melhores, dizem eles — e nunca mais houve festas. . .

Como aqueles fios brancos e fortes, limpa e forte era a alma do ancião. Nunca mudara. Tudo se metamorfoseara em derredor dela. Apareceram a República e o gás; mais tarde, a eletricidade, o automóvel e o aeroplano; mas, no seio daqueles valados centenários, defendidos por eles, viviam imóveis e indiferentes às mudanças, naquele homem, o espírito e o sentimento dos antigos povoadores da capitania. E era isso o que a minha curiosidade de escritor ia procurar na casa vetusta do Curió.

Após o jantar, sentava-me ao lado do capitão, num grande banco tosco que havia na varanda. Formavam-no duas tábuas escuras, de madeira de lei, reunidas, tendo a espaços furos regulares, bem redondos, dos quais metade ficava numa tábua e metade noutra. Os menores estavam aproximados aos pares; os maiores, isolados. À primeira vez que ali me sentara, perguntei a razão daqueles buracos e desde então, um ou outro dia, o capitão repetia a explicação que me dera:

— Isto era o “tronco”, quando meu pai foi capitão-mor da Paupina, depois crismada em Messejana. Estava na casa da Câmara da vila, na parte de baixo, que servia de cadeia. As duas tábuas ficavam uma sobre a outra, em posição vertical, presas a mourões de pau-d’arco. Dum lado, unindo-as, uma dobradiça; do outro, duas argolas e um cadeado.

Suas mãos enrugadas alisavam as rudes madeiras, devagarinho. E prosseguia:

— Nos buracos pequenos se prendiam pelas pernas, ou pelos pulsos, certos criminosos, os índios mansos incorrigíveis, os bêbedos e os ladrões de pequenas coisas. Nos maiores, metia-se o pescoço dos que matavam, dos escravos fugidos, dos que salteavam pelas estradas, ou roubavam gado. Menino, ia olhar a sala do tronco, quando meu pai passava tempos na sua casa da vila. Estava sempre cheia de gente. Os presos chamavam-me: “Seu” Toinho, por favor, chegue aqui!” Ia. Um pedia-me um tijolo, para calçar o pescoço, logo acima dos ombros; outro, uma caneca de água; ainda outro, para tirar-lhe do bolso o cachimbo, enchê-lo de fumo, pô-lo à sua boca e acendê-lo. Fazia tudo isso com prazer. E, quando meu pai aparecia — parece-me que o estou vendo — de chapéu armado, suíças e bengalão retorcido, fugia sorrateiramente.

O velho cearense ficava com o olhar parado no espaço, como a ver todas aquelas cenas que evocava, enquanto o alto canto dos corruptions vinha do pomar e eu, insensivelmente, me levantava daquelas tábuas, em que tantos homens, justa ou injustamente, havia tantos anos, tinham padecido.

Uma feita, além dessas mesmas coisas, contou-me triste caso, ao tocarem suas mãos o buraco grande do centro do banco, como se esse contato lhe tivesse acordado na memória o esquecido acontecimento:

— Neste estive preso um dia inteiro, pelo pescoço, o Matias do Sabiaguaba. Você conhece o Sabiaguaba, menino? Não, não conhece. É um recanto de praia e bem bonito, por sinal, entre a barra do Rio Cocó e a do Pacoti. Meu pai tinha aí uma posse de terra, onde criava bodes, entregue a um morador de confiança, esse Matias, viúvo, sem filhos, que, numa casinha de palha, vivia sozinho

com Deus. Certa manhã, andando por cima dos morros, avistou no mar um navio desarvorado, que por volta de meio-dia, encalhava no areal. Dele desembarcaram seis homens, ninguém sabe de que terra, porque o Matias não entendeu patavina do que falavam. Fazendo-se entender por sinais, levou-os à sua choupana, onde beberam toda a água do pote e mais a de três dúzias de cocos. Vinham "arados" de sede e fome. O Matias plantara pequeno roçado num baixio. Havia macaxeira dum lado e mandioca do outro. O menino sabe que a macaxeira é o mesmo aipim, que a gente pode comer à vontade; mas que a mandioca embebeda e mata como o pior dos venenos. Pois ele tirou uma braçada de macaxeiras da rocinha, cozinhou-as e deu-as aos marinheiros, que comeram até acabar o último pedacinho. Como pareciam muito cansados, o morador fez-lhe compreender que vinha prevenir meu pai, para ir buscá-los no carro de bois, e ficassem descansando, dormindo na choupana, durante a sua ausência. Veio a pé, coitado! Chegou aqui tarde da noite. Estava tudo dormindo. Esperou que o dia amanhecesse, falou com meu pai, que mandou logo preparar o carro e seguiu na frente, a cavalo, com dois homens. Quando chegaram ao Sabiaguaba, os seis marinheiros estavam mortos no copiar da casa e havia restos de mandioca cozida numa panela de barro! Os desgraçados tinham visto o caboclo arrancar, lavar, descascar e cozinhar as macaxeiras. Tiveram fome, enquanto ele não regressava e fizeram o mesmo, porém com as mandiocas, que só os conhecedores diferenciam das outras. Envênemaram-se. Meu pai preveniu a justiça da capital e mandou enterrar os homens na lombada dum morro, defronte do lugar onde o navio encalhou. Há uns quarenta anos, estive pela última vez no Sabiaguaba e ainda existiam quatro cruces das seis que o carpinteiro do Curió fez para as sepulturas.

— Então, perguntei, o Matias esteve no tronco por suspeita de ter morto os náufragos, até se aclararem as coisas?

— Qual o quê, menino! Meu pai mandou prendê-lo, porque ajuntou um bando de caboclos, roubou uma caixa de bebidas de bordo do tal navio, apanhou uma carraspana danada e "desmanchou" três sambas, noite de sábado, na lagoa Redonda, perto do Muritiapuá.

Passaram-se meses e tive oportunidade de ir à praia do Sabiaguaba, a cavalo, com um amigo da redondeza. Naquela praia arenosa e batida de sol, procurei vestígios do drama que o velho me narrara. Das seis cruces somente restava uma e sem braços; mas, em frente, quase sumida na areia, a popa redonda dum pequeno veleiro, na qual ainda se liam estas letras:

S N D . . . .

K R I S T . . . .

NORGE